OS SINAIS DE GALVÃO

LEONARDO MOTA

Está excelente o último número da «Revista do Instituto do Ceará», utilissima publicação que está ás portas do cinquentenario. Quasi todos os socios efetivos da mais antiga de nossas agremiações de letrados colaboram nesse legibilissimo volume, em que se compendiam alguns trabalhos de real valor. E' pena que o dr. Antonio Teodorico esteja no ameno gôzo de férias e não haja concorrido para a feitura dêsse tomo, que, nem por isso, deixou de aparecer alentado, em mais de trezentas páginas... Mas, o velho mestre deve ter tido lá suas razões, e eu as acato, sisudamente, sem reticências.

Sob a epígrafe que também está servindo a estas linhas o ilustrado professor Martinz de Aguiar reduziu a letra de fôrma os linguados manuscritos que lera em sessão do «Instituto» para os seus confrades, a 6 de novembro do ano passado, si me não equivoco. Trata-se de interessantissimo estudo, em que o douto filologo versa um tema de folclore.

E' tradição popular haver existido um proficiente hipologo que conhecia, por simples inspeção visual, as boas qualidades e os defeitos de um bucefalo. *Galvão* chamava-se êsse indivíduo, de quem o sr. Gustavo Barroso conjectura que foi um *alveitar*, isto é, veterinario prático, ou um *alquilador*, ou seja alugador de alimarias para fretes ou transportes.

Não creio que êle fôsse qualquer das duas coisas. Vezes muitas, quando no interior do Estado perguntei quem era esse *Galvão* tão falado, obtive a resposta de que tinha sido um «mestre-de-cavalo», que

distinguia os bons e os ruins equinos, baseando-se na coloração dos pêlos dos mesmos, ou das manchas e *sinais* que mostrassem pelo corpo. A locução *sinais de Galvão* alude ás observações e ensinamentos do mencionado indivíduo nesse particular, tal como a frase *é regra de Galvão* vale por um diploma de infalibilidade.

Faz uns oito anos, nos bons tempos em que me sobrava a saúde e faltava o juízo, ocasional palestra num *bar* me alertou e forneceu mais seguro roteiro sôbre a identidade de *Galvão*. Certa manhã, á hora do aperitivo no «Majestic», entrei em conversação com o meu velho e saudoso amigo cel. Luiz Hortensio, pai do conceituado medico dr. Benjamim Hortensio. Indagou êle si eu conhecia uma poesia muito popularizada a respeito dos maleficios que pode causar a urina da mulher. Lembrei-me incontinenti de uma página do sr. Gustavo Barroso sôbre o assunto, mas preferi simular ignorancia. Recitou-me, então, o cel. Hortensio quatro decimas, uma quadra e uma oitava, que no mesmo instante copiei. Trouxe-as para casa e cotejei-as com o que se lê no «Ao som da viola», de Gustavo Barroso. A quadra e a oitava lá não figuravam, mas as quatro decimas tinham quasi a mesma redação.

Infelizmente, o tema, embora não fescenino, tinha o seu quê de escabroso, razão pela qual nunca em tôrno do mesmo discreteei num artiguete de jornal, E mais infelizmente, porque perdi a lauda última da cópia. Recordo-me, porêm, que, ao fim da versalhada, o autor se apresentava como sendo

«O poeta da Canoa,
Mestre Domingos GALVÃO».

Minudenciou-me o cel. Hortensio que *Galvão* foi não só um professor de primeiras letras, mas tambêm um «mestre-de-cavalo» que se gabava de conhecer os animais pela pinta...

Ora, como certas frases se cristalizam em ditados? A' força de serem repetidas pelo vulgo, que a princípio lhes refere a autoria. Êsse autor é invariavelmente uma pessoa de ascendencia moral ou prestígio pelo saber, pela idade ou pela experiencia da

vida. Ouve-se, a cada instante: - «como dizia meu avô», «como diziam os antigos», ou o vago e indeterminado «como lá diz o outro». Sabido que Galvão era tipo considerado, porque *desasnava*, não somente creanças na leitura, mas tambêm cavalos nas andaduras macias, é aceitavel que os seus ditos fôssem divulgados com o endôsso de «é regra de Galvão», «como dizia Galvão», «é sinal de Galvão».

Mas, o prof. Martinz de Aguiar opina que êsse Galvão sertanejo é um dos muitos heróis miticos. E o identifica com o seu homonimo *Galvão*, da lenda dos Cavaleiros da Tavola Redonda. Êsse sobrinho do Rei Artur figura realmente na história da Cavalaria, mas no carater de guerreiro e não no de mero conhecedor de rossinantes. Ocorre principalmente que «A Demanda do Santo Graal» não é da familiaridade de nosso povo, como, por exemplo, a «História de Carlos Magno». Si os nossos matutos quisessem reviver o nome de um cavaleiro célebre, certamente o procurariam entre os Doze Pares de França: Roldão ou Oliveiros. Êsses, sim, vivem na lembrança popular e a alvoroçam.

Articula o prof. Aguiar que no municipio de Maria-Pereira um certo Manuel Lapexil, andador veloz e resistente, teve seu cognome mudado para *Galvão* e isso não foi sinão lembrança do cavaleiro famanaz «que, com os seus bons e escolhidos cavalos, encurtava as distáncias, assim como a pé o fazia Manuel Lapexil».

Não vejo onde o nexo causal de tal crisma. Que semelhança pode haver entre o bisonho peão da Mombaça—um reles come-estradas e o fogoso mata-mouros que tão mal se deu no encontro com Lançarote? Nem um nem outro tinham «entendimento de cavalo», e isso é que singulariza a personalidade do *Galvão* da paremiologia sertaneja. Outro deve ter sido o motivo da transformação de Lapexil em Galvão. Impunha-se a mudança, fôsse para o que fôsse... *Lapexil* é lá nome de cristão!

A lenda que o prof. Aguiar revela ter colhido nos sertões da Mombaça não é privativa de nosso Estado. O escritor paulista Mario de Andrade a reproduz no livro «Macunaíma»...

Argumento que poderia ser invocado a respeito

da inexistencia, no passado, de *Galvão*, é o de que os ditados atribuídos a êle são peculiares também a outras linguas. Mas isso seria facilmente refutavel, pois apenas ficaria esclarecido não ser tal personagem o *autor* dos anexins. Não foi o *autor*, mas poderia ter sido o *repetidor* dos adagios referentes á equitação. O povo, que não entra em esmiuçamentos dessa natureza, deu-lhe, nesse caso, erradamente, a paternidade dos aforismos.

A proposito. Aqui em Fortaleza apareceu, há varios anos, uma companhia de circo, em a qual havia um palhaço que em suas jocosidades entremeava frases célebres ou sentenças biblicas. Alguns dias depois de haver ouvido o saltimbanco, um ingenuo patricio nosso citava: *Eu agora digo como aquele otimo palhaço:* DAI A CESAR O QUE É' DE CESAR... Aí está o destino que teve a recomendação de Jesús Cristo...

O estudo do professor Martinz de Aguiar sugere-me outras observações e comentarios, mas isso fica para amanhã.

(«A Rua»; 13, XI, 934.)

***

Era o que faltava á gloria de *Galvão*, o imortalizado «mestre-de-cavalo» da nossa tradição popular: ter a sua existencia contestada, ao modo de Jesús, Homero e Shakespeare. Disso se incumbiu o meu amigo professor Martinz de Aguiar.

No que ante-ontem escrevi presumo ter mostrado a inconsistencia e fragilidade da argumentação do notavel vernaculista, para quem o hipologo sertanejo mais não é do que uma reminiscencia do *Galvan* da «Demanda do Santo Graal».

Volver-me-ei hoje preferentemente para os *sinais de Galvão*, de que o meu consocio do «Instituto» salpicou o longo escrito, em tôrno do qual gravitam êstes meus comentos.

Já deixei patente que muitos dos ditados alusivos a cavalos e em voga no sertão do Ceará têm curso igualmente em outros países, o que não exclue a hipotese de *Galvão* haver sido um renitente repe-

tidor de conceitos comuns a outros povos. Aqui enfileiro meia duzia:

1)—«A cavalo dado não se abre a boca». Em francês:—*à cheval donné on ne regarde pas la bouche.* Em espanhol:—*a caballo de presente no se le mira el diente.* Em italiano:—*a caval ðonato non si guarda in boca.*

2)—«Quem quer cavalo sem tacha, a pé se acha». —*Quien quiere mula sin no sé qué, andase a pié.*

3)—«Pra cavalo novo, cavaleiro velho».—*A soldado nuevo, caballo viejo.*

4)—«Cavalo comedor, cabresto curto».—*A cavallo mangiatore, capestro corto.*

5)—«Cavalo velho não toma andar».—*Viejo caballo no muda de paso.—No muta andadura il caval vecchio.*

6)—«Sossêgo de homem é mulher feia e cavalo capado».—*Quien buen caballo y bella mujer tiene, justo es que recete.—Chi ha buon caval e bella moglie non istá mai senza doglie.*

Quer o prof. Aguiar que o mais interessante de nossos proloquios, a respeito dos *sinais* que apresentem os cavalos, seja o seguinte:—«Um é bom, dois é melhor; três não presta, quatro é pior; cinco é um brinco, seis é um reis; de seis pra cima, quanto mais melhor». A versão por mim consignada no meu «Adagiario Brasileiro» coincide com a do erudito articulista até o: *cinco é um brinco.* Conclue, porêm:—*seis é DO reis e quanto mais melhor; mas, obra desmente sinal...* Como adiante se verá, «seis é do reis» (e não *seis é um reis*) mais se aproxima da forma francesa em relação ao *trois.*

Êsse *sinal de Galvão* é encontravel na paremiologia castelhana e francesa, mas aludindo apenas ao esbranquiçamento das mãos e dos pés dos equideos, tanto que não vai alêm do número quatro:—*El caballo calzon de una, bueno; de dos, mejor; de tres, malo; de cuatro, peor.—Pieds blancs trois, cheval de roi; pieds blancs quatre, bon à abattre.* Observe-se o antagonismo relativo aos três pés brancos. Para os espanhóis é isso um mau *sinal*; mas os franceses o consideram tão bom, que destinam á montaria dos reis as alimarias que o possuem.

O cavalo *bebe-em-branco* é o «que tem branco o beiço inferior, aquele com que bebe». Enuncia o prof. Aguiar que os animais assim são *velhacos*, isto

é, não se deixam pegar facilmente. Não são apenas isso. São *velhacos* e são fracos das mãos. Êstes dois anexins o confirmam: 1)—«Cavalo bebe-em-branco é cavalo manco»; 2) «Quem monta em bebe-em-branco não pode dizer quando chega, nem quando sai» (quando chega, porque o animal é fraco; quando sai, porque é *velhaco*).

A tacha de *velhaco* atinge até os asininos:—«Burro preto e do embornal branco leva o dono até o canto». *Galvão* era prevenido com os os ginetes de focinho esbranquiçado:—«Cavalo de cara branca, homem por nome *Messia*, mulher dos quartos de gia e pote que não esfria, coitadinhos dêles três, credo em cruz, Ave Maria!» Em todo caso os espanhóis desmentem o nosso brocardo:—*Siempre es buen caballo el que bebe con blanco*...

Do cavalo pedrês o prof. Aguiar fornece êste só refrão rehabilitador: «Cavalo pedrês, não vendas nem dês». Naturalmente, por todo pedrês ser muito bom... Acho esquisito, pois o que sabia era que «cavalo pedrês, pra carga Deus fez», «cavalo pedrês, nem uma vez», «cavalo pedrês foi o cão que fez», o que, francamente, é desabonador.

O rosilho fez jús a uma explanação etimologica, apesar dos muitos diterios pejorativos que sôbre êle correm mundo, como, para só citar dois;—«Cavalo rosilho cansa até comendo milho», «cavalo rosilho e tobiba de aroeira, o diabo que queira».

Elucida o culto catedratico do Liceu: «Para o português geral é *argel* o cavalo que tem pés brancos. Para nós, só o é se tiver branco *o pé direito*, tal como em espanhol, ou si tiver um *sinal atravessado*, isto é, pé direito e mão esquerda brancos, ou pé esquerdo e mão direita brancos». A definição colide com o que ensina o sr. Gustavo Barroso: «*argel* é o que tem um pé dianteiro branco» (isto é, mão). Por minha vez, complico a situação, declarando supor que *argel* é o cavalo cujo pé esquerdo é branco... Estamos, destarte, os três em desacôrdo. Aliás, *argel* ou *agé* é hoje sinonimo de ruim e desafortunado. E' superstição de vaqueiros que *cavalo argel traz desgraça pra si e pra o dono.* A gente ouve aos jogadores: «Hoje estou sem sorte, amanheci mesmo *agé*». No Cariri há quem boqueje que «cavalo agé, matuto

do Assaré e mulher que mija em pé, libera nos, Dominé !».

Para concluir. As locuções populares e o adagiario estão eriçados de nomes proprios, a exemplo de *Galvão*, sem que se ponha em dúvida que os portadores foram creaturas que viveram e boliram neste val de lágrimas. Atenho-me a dois exemplos:

1) Alguêm, que pretende significar que já se lhe presta atenção ou os seus merecimentos são reconhecidos, exclama ironicamente: *Já «seu» Alencar me escreve!* Quem foi êsse Alencar? Não foi nenhum Cavaleiro da Tavola Redonda e, sim, o nosso glorioso José de Alencar, quando quebrava lanças por ser senador do Imperio. A frase é atribuída a um chefe político do sertão, a quem Alencar solicitara se empenhasse pelo exito do pleito...

2) No norte do Estado, a frase *foi da casa de Xerez* é desculpa com que se responde a quem estranha a inferioridade de algo. Quem foi Xerez? Não foi ninguêm do sequito do Rei Artur e, sim, um comerciante sobralense que tinha fama de vender unicamente artigos bons.

Mal comparando, *Galvão* foi um Lombroso da hipologia. Êsse didata da «bralha» conhecia os estigmas, não só da guapice dos corcéis *manteúdos*, mas tambêm da lerdice das bêstas *sentidoras*...

(«A Rua»; 15, XI, 934.)

MARTINZ DE AGUIAR

O meu distinto amigo e colega de Instituto—sr. Leonardo Mota—não produziu a respeito dos *sinais de Galvão* um trabalho digno do seu valor intelectual. Mostrarei no seguimento destas linhas que os seus dois artigos estão cheios de falhas de observação e interpretação. Todos, entretanto, devemos recebê-los com alvorôço, por que marcam fase nova na sua vida literária. Denunciam já se ir compenetrando o sr. Leonardo de que, ao lado do folclorista prático, mero coletor de materlal, se ergue, mais sobranceiro e valioso, o folclorista científico, que estuda e compa-

ra os petrechos colecionados, para fazer deduções linguísticas, filológicas, etnográficas, demo-psicológicas, históricas, pre-históricas, ou, nos dias que correm, até psicanalíticas, como o demonstra êsse belo ensaio do FOLK-LORE NEGRO DO BRASIL, do Dr. Artur Ramos. Vemos com alegria que aquí e alí já oferecem os seus artigos uma comparação com o francês, com o espanhol, com o italiano. Bem haja!

No meu trabalho, publicado o ano passado nesta mesma revista e no «Instituto», revista científica e literária que é órgão do Instituto de Coimbra, eu identifiquei o Galvão a que o matuto cearense refere os sinais de cavalo e o cavaleiro andante de igual nome que aparece nas lendas do Santo Graal.

O sr. Leonardo Mota não concorda comigo por dois motivos: *a*) por que «esse sobrinho do Rei Artur figura realmente na história da Cavalaria, mas no carater de guerreiro e não no de mero conhecedor de rossinantes», e *b*) principalmente por que a «Demanda do Santo Graal» não é vulgar entre nós, como, para exemplo, a história de Carlos Magno. «Os Doze Pares de França, sim, vivem na lembrança popular e a alvoroçam.»

Provarei com facilidade a inconsisténcia dessas duas objeções.

a) Ora, quando relacionei o Galvão equícola com o Galvão épico foi por intermédio de uma lenda que colhí na Mombaça, segundo a qual Galvão era um cavaleiro andante que conhecia bem os cavalos pelos sinais e que, graças a êsse profundo conhecimento, conseguiu salvar-se da perseguição de inimigos assomados, montando um corcel castanho-escuro sem sinal branco nenhum.

Na Mombaça, diversas pessoas me citaram os sinais, de que publiquei os mais interessantes, e me explicaram quem era Galvão, contando-me a lenda a que acabo de referir-me. Depois, ouví ainda mais de um informante, um dos quais me falou com entusiasmo do «cavaleiro que andava por êsse mundo de meu Deus fazendo bem aos pobres de Cristo». Essa frase, ouví-a textual da boca de um homem do povo. Três leves alterações obtive apenas, nas novas investigações. Um dos relatos não diz que Galvão era cego, mas que tivera os olhos vendados pelos inimi-

gos, e fala de um só cavalo, que o experimentado cavaleiro, guiado pela superioridade do tacto, descobriu ter três pêlos brancos no pé direito. Não ficou satisfeito, mas não o devolveu; decidiu utilizá-lo, depois de arrancar-lhe os cabelos brancos, naturalmente para que não vissem os inimigos que êle não cavalgava animal de inteira confiança. Outro dí-lo também cego, mas o dá como tendo aceito o primeiro cavalo que lhe mandaram, apesar de argel. Galvão saltou o fôsso montado nele, mas tivera o cuidado de mandar que o esperassem no outro lado com um possante cavalo castanho-escuro sem sinal branco nenhum, pois tinha certeza de que o argel *quebraria o pé*, como de fato *quebrou*.

Vê o sr. Leonardo que isso é muito diferente do que me atribuíu. Identifiquei, e assim procedem os mesmos matutos, o Galvão dos sinais com o da lenda mombaçana, e, depois, com o das novelas do ciclo arturiano Ligar as duas personagens extremas pelo só motivo de terem ambas o mesmo nome não se compadeceria com o espírito de quem, como eu, está habituado a acompanhar, no domínio da linguagem, as mutações, umas vezes inesperadas e outras à primeira vista inexplicáveis, que se dão na psique do povo. O Galvão da lenda sertaneja prende-se ao dos sinais pelo apurado conhecimento dos cavalos e ao do ciclo épico pelos seus feitos guerreiros e pela identidade de condição social. Esquecendo êsses laços, o sr. Leonardo Mota deu um salto formidando, mais considerável do que o de Galvão ao fugir da fortaleza circunvalada. A viga básica do meu estudo é a lenda mombaçana, mas o sr. Leonardo deixa-a indiferentemente de lado, e só adiante a ela se refere, ainda assim ligeiramente e para me significar o reproche mudo de uma reticéncia:

«A lenda que o prof. Aguiar revela ter colhido nos sertões da Mombaça não é privativa do nosso Estado. O escritor paulista Mario do Andrade a reproduz no livro «Macunaíma»...»

Que quer dizer com a alegação? Sustentei porventura que a lenda era restrita ao Ceará?! Chamei-lhe mombaçana por que foi na Mombaça que a recolhí, e a minha probidade mandava mencionar o local da colheita. O estar em Mário de Andrade vem

aproveitar-me, vem provar que ela realmente existe, e, pois, devia merecer maior consideração a um estudioso como o sr. Leonardo. Mas vamos encontrá-la ainda, em parte, entre as histórias-de-trancoso, numa das quais aparece um cego, que, com uma criança à garupa, foge e se salva dos inimigos por estar montado num cavalo veloz. Portanto, a nossa lenda sertaneja, tal como atualmente corre, é resultado da *adaptação* e do *sincretismo*, fenómenos familiares aos que se entregam a êstes assuntos. A lenda do cavaleiro da Mesa Redonda foi adaptada, a fim de a Galvão poderem-se referir os sinais de cavalo, e sincretizou-se com a história-de-trancoso do cego que fugiu num cavalo veloz.

b) Para que um mito, um conto ou uma lenda corra mundo e participe do folclore de povos até muito diversos, não é necessário, ao contrário do que pensa o sr. Leonardo, que esteja em livro conhecido dêsses povos. A divulgação pode ser devida tão sòmente à tradição oral, como pode sê-lo às migrações e às próprias faculdades da alma humana, que é na esséncia a mesma em toda parte. Como explicará o sr. Leonardo que um conto, por exemplo, do HITOPADEXA indú, que não foi traduzido senão em 1897 por monsenhor Dalgado e não é absolutamente popular, se encontre em Portugal, no Brasil e, o que mais é, entre os nossos indígenas?

Mas, ainda que assim não fôsse, a verdade é que as lendas arturianas são bem conhecidas dos indivíduos de lingua portuguesa desde séculos. Mostra-o um rápido excurso pela nossa história literária.

A poesia provençal, originada dos costumes populares gauleses e das suas tradições poéticas, implantou-se e difundiu-se em Portugal por vários motivos. Os principais foram: a semelhança de lingua e raça entre os habitantes da nossa velha metrópole e os da Galiza, o que facilitou a influéncia da poesia galega, repassada por sua vez de influéncia provençal, na poesia portuguesa; a ida, para Portugal, do conde D. Henrique, neto de Roberto de Borgonha, o qual consigo levou luzido séquito de cavaleiros franceses; a demora ou fixação no país peninsular de nobres franceses e flamengos e dos cruzados que auxiliaram D. Afonso Henriques na tomada de Lisboa aos sarra-

cenos; os casamentos de D. Afonso Henriques com a princesa italiana D. Mafalda, filha do Conde de Sabóia, a qual acompanharam vários fidalgos, trovadores à maneira provençal, e de D. Sancho I com D. Dulce, a *Doce* dos velhos textos, filha do Conde de Provença, grande protetor dos poetas provençais; bem como o regresso de D. Afonso, o então futuro rei usurpador, que residira vários anos na França e lá casara com D. Matilde, condessa de Bolonha. A gaia-ciéncia, pois, cultivou-se largamente em Portugal, nos primeiros tempos da literatura, e teve partidários fidalgos, principescos e reais. Eram os *trovadores* palacianos, que por sí mesmos achavam (*trovar* é *achar)* os seus temas poéticos e faziam as suas composições. Ao lado dêles, havia os *jograis*, troveiros populares, que ganhavam o pão cantando de terra em terra, repetindo ou improvisando trovas, tais quais os nossos atuais cantadores. Uns e outros confundiram-se depois da morte de D. Diniz. Entre as inúmeras composições provençais, são de notar, para o nosso objetivo, os lais e virelais, canções líricas ou narrativas sôbre as lendas del-rei Artur ou Artús, do País-de-Gales, que se aliou aos pictos e escotos, derrotou os anglo-saxões, restabeleceu a fé cristã e instituíu a célebre ordem da Cavalaria da Mesa Redonda.

Essas lendas vêm de séculos recuados (el-rei Artur teria vivido no século VI da era cristã), e espalharam-se pela Europa e dependéncias, avolumando o cabedal de superstições e crendices que impunemente campeavam na idade-média. Do povo é que passaram para a literatura, da tradição oral para a escrita, chegando a ser estilizadas em páginas surpreendentes, como as de Vágner, para só falar no distinto filósofo, grande músico e talvez maior poeta. Em português, até no anedotário vamos encontrar-lhes referéncias. De D. João I, conta-se que, ao ver-se obrigado a levantar o cêrco de Cória, disse aos fidalgos que o acompanhavam:

—Que pena não termos nesta conjuntura os cavaleiros da Mesa Redonda! Se êles aquí estivessem, ter-se-ia rendido a cidade.

Ousado e brioso, Mem Rodrigues de Vasconce-

los, que se sentiu fundamente ferido pelas palavras del-rei, respondeu-lhe imediatamente :

—Senhor, não foram talvez os cavaleiros que faltaram. Aquí está Martim Vasques da Cunha, que é tão valente como D. Galaor; Gonçalo Vasques Coutinho, que é outro D. Tristão; João Fernandes Pacheco, que não se humilharia a D. Lançarote. Aquí também estou eu, que não me julgo inferior a nenhum dêles. E' provável, senhor, que o que nos tenha faltado tenha sido aquele bom rei Artur, que a todos congregava, animava e amerceava, sabendo bem levá-los à vitória (1).

À vista do exposto, eu deixaria Carlos Magno na santa paz de Deus, se não quisesse registar uma particularidade da nossa linguagem matuta. O povo dos sertões não pronuncia *mag-no* e, sim, *manho* ou *magano*. A primeira forma é a verdadeiramente portuguesa, apoiada por *quamanho* (*quam magnus*) e *tamanho* (*tam magnus*), e aparece, por exemplo, em Camões. A segunda é devida a má leitura, tal como *eu me diguino*, por *eu me digno*. Concorreu para o engendramento dela a necessidade de obstar ao encontro de consoantes *gn* (cf. *adivogado* e *adèvogado*, por *advogado; subistantivo*, por *substantivo*), a preferência à vogal, conhecida (cf. *fevereiro*, por *fevreiro*; *caranguejo*, por *cranguejo*) e a predominância da paroxitonia. Carlos *Magano!* Que irrisão ! Sou entretanto levado a crer que o adjetivo *magano*, tomado em bom sentido, concorreu também para a estranha modificação.

*
* *

Passemos agora à segunda parte dêste escôrço folclórico, àquela em que hei de examinar a explicação que o meu amigo e colega sr. Leonardo Mota substitue à minha.

Diz êle que sempre ouviu falar pelos sertões num mestre de cavalo chamado Galvão, que, «sendo tipo considerado, porque *desasnava*, não somente creanças na leitura, mas também cavalos na andadura», é perfeitamente aceitável que tivesse vulgarizados os

(1) Cf. Faustino da Fonseca, «Bons Ditos de Reis, Principes, etc.», pg. 244; Lisboa, Viúva Tavares Cardoso, 1906.

seus ditos. Ajunta que «Galvão não foi o autor dos anexins, mas podia ter sido o repetidor, o que lhe deu a paternidade».

E' com tais elementos, mais do que parcos, que o sr. Leonardo constrói a explicação que contrapõe à minha, que é completa, equilibrada e concordante em todas as suas partes, sejam nodais ou sejam meramente accessórias.

Que homem era êsse novo Galvão? de que família? onde morava? quando nasceu? quando morreu? com quem casou? que filhos deixou?

São perguntas irrespondíveis. Irrespondíveis, não! O sr. Leonardo já disse que êle era mestre-escola e ensinava andadura aos cavalos... Não lhe chamou poeta, sim, mas como tal o citou, quando a êle atribuíu uns versos que terminariam pelo setissílabo *Mestre Domingos Galvão*. Os versos, que declara lhe foram comunicados pelo honrado pai de um distinto médico desta capital, nada provam a final de contas. E' a verdade, nua e crua para o sr. Leonardo. E nada provam,—primeiro, por que não se relacionam, de maneira nenhuma, o assunto de cavalos, mas a objeto muito diferente, como escreve o próprio sr. Leonardo; segundo, por que, ainda que de fato tivessem ligação com os sinais, não significavam prova desenganada e indestrutível.

As «Canções Populares do Brazil», do casal Brito Mendes, abrem com uma interessante composição negra, intitulada «Pai João»:

«Quando iô tava na minha tera
Iô chamava capitão,
Chega na tera dim baranco.
Iô me chama—Pai João.» (2)

E o «Cancioneiro do Norte», de Rodrigues de Carvalho, regista a história do «Boi Victôr»:

«Digo eu, boi do Victôr,
Nesta terra bem conhecido,
A grandeza do meu nome
Neste mundo bem corrido.» (3)

---

(2) Pg. 3; Ribeiro dos Santos, Rio.
(3) Pg. 220; «Typ. da Livraria S. Paulo», Paraíba, 1928.

Para o primeiro caso, o sr. Leonardo, de acôrdo com os seus métodos, poderia procurar um escravo africano a quem dar a paternidade dos versos, não obstante a superfetação evidente, que logo demonstra neles uma imitação e, não, uma criação espontánea e imediata dos negros. No segundo caso, porém, estou certo de que não haveria de querer à fina fôrça que um boi soubesse autobiografar-se.

Tanto na literatura erudita, como na semi-erudita e na popular, muitas vezes as personagens são postas a falar na primeira pessoa, ora para fins puramente estéticos, ora pelo propósito deliberado de iludir os leitores. E' isto o que se verifica com algumas composições que entre nós são atribuídas a Lampeão, sem que entretanto o famoso cangaceiro lhes tivesse escrito ou ditado uma palavra sequer.

Aceito o que o sr. Leonardo diz do mestre de cavalo, cumpre ao cientista tão sòmente registar mais essa lenda e pô-la ao lado da mombaçana, para comparação e estudo. E' o que eu faria, se me desse licença o sr. Leonardo. E foi o que fez, a respeito de outra, o sr. Gustavo Barroso (não me quero afastar de cearenses), mais bem orientado do que o meu ilustre opositor.

Cunnighame Grahan conta um fato extraordinário, que passo a resumir:

Maldonada resolve ir entregar-se aos índios, para fugir à fome que assalta os colonos espanhóis de Buenos-Aires no século XVI Em certo lugar, encontra uma puma, a que serve de parteira. A puma tem dois cachorros, e entre êles fica Maldonada. Certo dia, descoberta pelos índios, é levada para a aldeia dêles e tem de casar-se com o cacique. Passam-se os tempos, e um capitão espanhol lhes investe contra a taba, toma-a e leva Maldonada para Buenos-Aires. Ao vê-la, enche-se de cólera o chefe espanhol e, para escarmento dos fracos e fujões, manda que a amarrem a uma árvore, distante das trincheiras, para que seja pasto das bêstas selvagens. A puma é a primeira que aparece. Reconhecendo a sua benfeitora, faz-lhe festas e põe-se-lhe a par, defendendo-a das outras, o que grandemenie maravilha os soldados espanhóis.

Grahan considera verdadeiro o fato, louvando-

-se no testemunho de Rui Dias de Gusmão, que afirma ter conhecido pessoalmente Maldonada, e em Techo, que no local conta ter ouvido o relato em 1649.

O sr. Gustavo Barroso, porém, conhecedor dos contos legendários de animais que protegem os benfeitores, faz o seu resumo e comenta com exatidão:

«A lenda (permittam que assim a chame, porque meu espirito de folk-lorista não admitte a veracidade desse raconto) continuou, depois, um tanto differenciada, na vida dos pampas argentinos.» (4)

Compreendendo o sr. Leonardo Mota a precariedade dos elementos com que contava para a sua explicação, afirmou que é frequente, nas locuções populares e no adagiário, o aparecimento de nomes de indivíduos cuja existéncia ninguém põe em dúvida, e cita dois casos, de cuja veracidade se faz fiador.

Como está alongado dos princípios científicos! Só quem não duvida da existéncia real dêsses indivíduos (e fique consignado em paréntese que não é tão amiudado como afirma o aparecimento de antropónimos nos ditos do povo), só quem dela não duvida é o sr. Leonardo, que parece ter-se esquecido de que há uma série de contos, tècnicamente chamados *etiológicos (aitía*, causa; *lógos*, tratado), os quais são criados pela fértil imaginação popular, para explicar a origem do mundo, dos deuses, dos astros, dos fenómenos atmosféricos, de fatos comuns da vida humana e até de denominações de lugares e coisas.

E' conhecidíssima a história que explica o nome da cidade de *Olinda*. A palavra com que no nosso povo, principalmente entre estudantes, se designa o *succubo* ou *succuba* latino tem também o seu conto etiológico. Duas moças conversavam acêrca dos amados, uma super-civilizada, a outra recatada e modesta. A segunda, tomada de grande indignação, dizia à primeira que ia romper relações com o seu, por que êle tivera a ousadia de convidá-la para um passeio de automóvel. A confidente, com um riso nos lábios, aconselhou-a com fogo: «—Vai, tola!» A histó-

(4) Gustavo Barroso, «Através dos Folk-lores», pg. 44-5-6; «Comp. Melhoramentos de S. Paulo».

ria, repetida por um português—beirão, interamnense ou trasmontano—, teve o *v* de *vai* transformado em *b*, e êste verbo, assim deturpado, juntamente com o adjetivo que se lhe segue, veio a constituir o vocábulo em exame. Quantas vezes me tem sido assegurada essa origem! Entretanto, a palavra é positivamente asiática. Em concaní, pelo menos, como nos ensina êsse grande mestre que é monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado, topamos com *váytoló*, que significa *malcriado* (5).

Um antigo prolóquio português reza assim: *a minha Tareja, quanto vê tanto deseja.* Nem o folclorista nem o filólogo vão pensar que houvesse existido uma Teresa que o motivasse. Não. Êles vêem logo que *Tareja* foi palavra procurada, para rimar com *deseja*. E' a mesma razão que há para os nossos comuníssimos *sei não, Conceição; vou não, Conceição; quero não, Conceição*, etc., e para outros prolóquios, como *quem ama a Beltrão ama a seu cão*, de que Axel Peterson dá quatro correspondentes românicos: espanhol, *quien bien quiere à Beltrán bien quiere à su can;* catalão, *qui vol bé á Bertrán vol bé á sos cans;* francês do século XVII, *qui aime Bertrand aime son chien:* provençal, *qui casso lou can casso Bertrand* (6).

Se entrarmos no simples vocabulário, então pioram as condições para aqueles que, como o sr. Leonardo Mota, querem descobrir pessoa de existência real debaixo de cada nome próprio. Com o antropónimo *José* temos: *josézinho, zé-das-véstias, zé-faz-fôrmas, zé-povinho, zé-quitoles, zé-cuecas, zé-dos-anzóis, zé-godes, zé-pereira, zé-goelas.* Com *João*, a coleta é maior: *joão-tolo, joão-santarém, joão-gomes, joão-pestana, joão-fernandes, joão-vaz, joão-galamarte, joão-ninguém, joão-branco, joão-congo, joão-de-barros, joão-de-puçá. joão-ferreira, joão-domingos, joão-grande, joão-noivo, joão-mendes, joão-paulo* ou *jampaulo, janeanes, jã-da-cruz, jã-mijão; joana, joani-*

---

(5) «Influência do Vocabulário Português em Línguas Asiáticas», pág. 101, col. 1.a; Coimbra, «Imprensa da Universidade», 1913.

(6) «Le passage populaire des noms de personne â l'état de noms communs dans les langues romanes et particulièrement en français», pg. 30; Upsala, 1929, «Appelbergs Borktryckeri Aktiebolag».

nha; pau-joão-lopes. O mesmo com *Maria*: *maria, maria-fia, maria-rosa, maria-vai-com-as-outras, maria-antónia, marimacho, maria-da-grade, maria-condê, maria-é-dia, maria-gomes, maria-leite, maria-congueira, maria-farinha, maria-macumbé, maria-pindú, maria-mole, maria-preta, maria-mucanguê; maricas, mariquinhas, mariquita, maricão; marianinha; banho-maria.* Com outros nomes, para terminar a enfadonha mas esclarecedora lista: *manuel-de-abreu* ou *de-breu, manuel-cardoso; paula-sousa, paulina; miguel, michela; pedro-ximenes; antoninho,* etc.

Como justificar tudo isso por meio de personagens que tenham realmente nascido, vivido e morrido na imensidão dêste val de lágrimas? E, mais, como justificar que o nosso *Miguel* seja *intrometido,* ao passo que *Michel,* o seu correspondente francês, seja *imbecil?* Recomendo ao sr. Leonardo Mota, entre outras, a leitura do livro já citado de Peterson, onde poderá ver que os motivos determinadores de semelhantes fenómenos são variados, notadamente eufémicos, fonossimbólicos, onomatopoéticos e homonímicos.

Que, esta ou aquela vez, a existéncia real de um indivíduo dê nascimento a um anexim, a uma locução, a uma palavra mesma - é indisputável; mas, então, é mister que não possa haver a menor dúvida, ou ao menos que os elementos probantes sejam muito valiosos, sejam em verdade capazes de gerar confiança no espírito da gente. Só assim se hão de admitir explicações tão desmoralizadas pela multidão de lendas filhas da grande faculdade inventiva do povo. Explanar-se-ão, com êsse critério, os dois exemplos em que se apoia o sr. Leonardo, e explanam-se, indubitàvelmente, casos como os de *Ana Bolena* e *história-de-trancoso,* o primeiro ainda não completamente deslizado para a classe dos nomes comuns e por isso intencionalmente escolhido, o segundo a ela tão perfeitamente aderido, que já não deve ostentar o luxo de letras maiúsculas.

E' trivial, entre nós, repreender a mãe à filha andeja com esta frase: «—O'! você é uma *Ana Bolena!* passa o tempo a corricar, loando pelas casas dos outros!» Logo se vê a referéncia a uma das infelizes esposas do Barba-Azul coroado. *História-de-trancoso,* que é com toda a certeza um arcaísmo lusitano

e tão dilatadamente se usa entre nós, aparecendo já nas obras de José Lins do Rêgo e Jorge de Lima, mestres admiráveis do moderno romance brasileiro, procede do fato de se ter celebrizado o escritor seiscentista Gonçalo Fernandes *Trancoso* com umas «*Histórias* de proveito e exemplo», de que o sr. Agostinho de Campos nos deu um volume na coleção da «Antologia Portuguesa».

E desde quando ouví nos sertões da Mombaça, pela primeira vez, a expressão *sinais de Galvão*, fiquei suspeitoso de que tivesse (falo única e tão sòmente da expressão) igual proveniência, por que a história da literatura portuguesa menciona o livro ARTE DE CAVALARIA DE GINETA E ESTARDIOTA, da autoria de António GALVÃO de Andrade. Por mais diligéncias que fizesse, cartas para os livreiros do Rio, Lisboa, Pôrto e Coimbra, indagações pelas bibliotecas, pública e particulares, não me foi possível compulsar o livro, a fim de ver até que ponto seria verdadeira a minha suposição. Tive por último de resignar-me, e escreví o estudo que o sr. Leonardo contesta nos dois artigos acima transcritos, por que, de qualquer maneira, ficariam de pé as minhas conclusões. Ter-se-ia apenas de notar que a designação *sinais de Galvão* viera do escritor, mais ou menos como *história-de-trancoso*, mas depois se perdera a noção do fato, e acabara por prevalecer o nome do cavaleiro da Mesa Redonda, havendo sincretismo entre as suas fabulosas façanhas e as do cego do nosso trancosário.

Terminada a longa análise da exígua explicação do sr. Leonardo, vemos que é irrecusável esta conclusão: não foi nenhum mestre Galvão que deu nome às regras que entendem com os sinais dos cavalos, mas, pelo contrário, foram elas que deram aso à criação de mestre Galvão, mestre de cavalo, mestre de menino e poeta...

***

Nesta terceira e última parte, vou passar revista a outras afirmações do sr. Leonardo Mota, que não devem ficar sem reparo, como se estivessem muito bem fundamentadas.

—O mais interessante dos sinais de Galvão é incontestàvelmente aquele que tem forma poética: *um*

é bom, etc. A versão do sr. Leonardo difere no final e no verso *seis é um reis*.

Quer essa modalidade quer a que lhe substitue estão de acôrdo com a boa inteligência. *Seis é do reis*, isto é: o cavalo de seis sinais é tão bom, que deve ser destinado ao rei. *Seis é um reis*, isto é: êsse animal é o primeiro dentre os seus iguais. E' ainda de notar que a palavra *reis* (dialetismo já por mim explicado) foi sugerida por *seis*, a fim de que se desse a rima, tão comumente procurada na linguagem popular, que é uma das características das frases sentenciosas.

O final da versão do sr. Leonardo (*mas, obra desmente sinal*), que nunca ouví, mas já conhecia, por comunicação de um nosso distinto colega de Instituto, o sr. engenheiro João Nogueira, deve ter sido posteriormente enxertado, pois desfaz completamente todas as lições que o legendário Galvão nos legou e em que tão religiosamente acreditava. O que algumas vezes ouví foi um prolóquio (*cavalo que bom for não tem sinal nem cor*), de que encontro versão diferente, mas também não referida a Galvão, no «Cancioneiro do Norte», pg. 285:

«Cavalo castanho sem sinal nenhum é bom.
Cavalo que bom fôr
Não tem signal nem côr.»

—Não é verdade que os ditados sejam devidos ao repetido uso que dêles faça o povo, e menos ainda que lhes seja indicada a proveniência ou paternidade.

No português geral, *ditado* o mesmo é que *adágio*, *rifão* ou *provérbio* (deixemos de lado as distinções chinesas dos sinonimistas), e é ditado desde que nasce; a sua popularidade é que se faz com a repetição. No Ceará, confundimo-lo com o *ditério*, êste de fato produzido pela repetição continuada; mas a confusão, aceitável na literatura, principalmente regionalista, não pode sê-lo em estudo técnico, como o meu e o do sr. Leonardo.

Foi iludido pelas expressões, que cita, *como dizia meu avô, como diziam os antigos, como lá diz o outro*, que o meu antagonista caíu no êrro deplorável de afirmar que, ao proferí-los, se menciona a origem dos

provérbios. Tais expressões são, porém, indefinidas, servem apenas para de algum modo tirar de sí o indivíduo que fala a responsabilidade do que vai dizer, ou para dar-lhe maior autoridade. Baseiam-se no antigo português, cujos contos em geral começam de maneira semelhante:

«Comta este poeta este emxemplo e diz que ..... » («Crestomatia Arcaica», de J. J. Nunes, 2.ª ed., pg. 77; Lxa., «Portugal-Brasil Limitada», s. d.)

«Pom emxemplo este poeta e diz que.....» («Selecta Classica», de João Ribeiro, 3.ª ed., pg. XXX; Alves, Rio, 1914.)

«Comta o doutor este emxemplo e diz que ... . » (Idem, pg. XXXI.)

«Pom o poeta emxemplo e diz que..... ...» («Textos Arcaicos», de Leite de Vasconcelos, 3.ª ed., pg. 51; Lxa., Teixeira, 1923.)

Por este emxemplo o poeta nos amostra e diz que.....» (Id., pg. 52.)

—Em certa altura do seu primeiro artigo, o sr. Leonardo fala no «Galvão da paremiologia sertaneja». Não está bem. Galvão não está na paremiologia do Ceará, nem, pelo que me tem sido dado conhecer, na de nenhum estado do Brasil. O sr Leonardo é que, tomando fàcilmente a nuvem por Juno, pensando que toda frase sentenciosa em que se fale de cavalo é de Galvão, quis emprestar-lhe os provérbios que numerou com os algarismos 1, 2 ,3, 4, 5 e 6, e lhe imputou a autoria de um anexim acêrca dos façalvos. As regras atribuídas ao cavaleiro mombaçano entendem com o número e a qualidade dos sinais que porventura apresente o cavalo, para dêles se deduzir o valor intrínseco de cada um, e não têm absolutamente forma proloquial.

—Nunca ouví *cavalo bebe-em-branco*, como regista o sr. Leonardo, mas essa sintaxe é possível, dentro das tendéncias da lingua. O que não era possível era que eu dissesse ter o cavalo que bebe em branco, além da qualidade de velhaco, a de fraco das mãos, que o sr. Leonardo quer comunicar-lhe por

meio da citação de provérbios que nem sempre fazem ao caso. Se a sabedoria popular afirma que a pessoa que montar em cavalo que beber em branco *não pode dizer quando chega, nem quando sai*, o sr. Leonardo se capacita de que é isso devido a ser o animal fraco das mãos e velhaco ao mesmo tempo. *Não pode dizer quando chega*: fraco das mãos. *Nem quando sai*: velhaco. Que fôrça de fantasia! Ambas as partes do prolóquio dizem a mesma coisa e foram postas ao lado uma da outra para efeitos de refôrço,—outra característica da linguagem popular.

—«O rosilho fez jús a uma explanação etimologica, apesar dos muitos diterios pejorativos que sôbre êle correm mundo.»

Essa frase mostra bem a pressa e atabalhoamento com que o sr. Leonardo escreveu a sua contestação. Não me procurou ler com a devida atenção, não curou de estudar demoradamente as minhas conclusões, não tratou de pesar cuidadosamente o que me ia contrapor. Um só pensamento teve: o de mostrar que eu estava em êrro... Não lhe quero, porém, mal por isso. Ainda que tivesse alcançado o seu objetivo.

O rosilho é o mesmo que *o cavalo rosilho*, e ninguém, absolutamente ninguém, pode fazer explanação etimológica de um cavalo! O sr. Leonardo queria de certo dizer *a palavra rosilho*. Mas, ainda assim, que êrro de lógica! Então, não devia eu explanar etimològicamente a palavra *rosilho*, mal estudada pelos lexicógrafos, por que ela qualifica um equídeo a respeito do qual correm ditos pejorativos?!

—Admira-se o sr. Leonardo de que eu tenha colhido o provérbio *cavalo pedrês, não o vendas nem dês*, por que do cavalo pedrês só sabe coisas desabonadoras. Pois também, com leve diferença, foi ouvido e consignado por Teixeira de Melo na «Escolha de adagios, proverbios, rifãos e anexins da lingua portuguesa» (7): *cavallo pedrez não o vendas nem o dês*. Teixeira de Melo regista ainda *cavallo pedrez para carga Deus o fez*. Haverá contradição? Não. O sinal de Galvão diz que o pedrês é forte, embora *tungão*. Logo,

(7) «Revista de Lingua Portugueza», Julho, 1926, pg. 92.

quem precisa de um, forçoso, para carga, se o tem, não há de vendê-lo, nem dá-lo. Nada mais natural.

Mas podem perfeitamente contradizer-se os provérbios e disso nos dão amostra as «Poesias Humoristicas», de Bastos Tigre, nas quais êsse admirável poeta pôs um interessantíssimo diálogo em prolóquios contrários na boca de D. Quixote e Sancho Pança. Em assunto mesmo de cavalos, oferece-nos Teixeira de Melo *cavallo alazão deixa o cavalleiro de selim na mão* a par de *cavallo alazão, muitos o querem, e poucos o hão.*

—Consultemos agora os dicionaristas acêrca do vocábulo *argel.*

Morais (edição facsimilada), repetido por Eduardo de Faria (4ª edição), chama argel ao cavalo «que tem malha branca só no pe direito; ou que tem os sináes attravessados». E distingue, dentre os ultimos, o *travado*, se tem malha também na mão direita, e o *trastravado*, se é calçado tanto do pé direito como da mão esquerda. Não se referiu ao argel *trevalvo*, calçado do pé direito e das duas mãos, nem ao *quadralvo*, dos quatro pés; mas, apoiado em António Galvão, também chama argel ao *manalvo*, cavalo que tem malha branca nas duas mãos. O «Nouveau Dictionnaire Portugais-Français», de J.-J. Roquete, e o «Diccionario Contemporaneo» aplicam o adjetivo ao cavalo que tem branco o pé direito. O sr. Firmino Costa, no «Vocabulário Analógico», exprime a mesma coisa. Cándido de Figueiredo escreve: «diz-se do cavallo que tem pés brancos». O sr. José Oiticica («Novo Dicionário Popular da Lingua Portuguesa») chama *argel*, simplesmente, ao que tem pés brancos, e *argel travado, trastravado,* etc., às outras modalidades.

Que se conclue de tudo isso? Que era *argel*, primeiramente, o cavalo que tinha o pé direito branco, tivesse ou não malha branca em outro qualquer. Se não a tinha sòmente no direito, foi necessário distinguir com os adjetivos *travado, trastravado*, etc. Depois, por extensão, chamou-se argel também ao manalvo, sem curar já do pé direito, e, a final, *argel* passou a ser sinónimo de *calçado de branco.* Em francês, é *arzel* o cavalo que tem os pés traseiros brancos, o façalvo e o de testa estrelada de branco.

Mas a sinonimia, que se deu em Portugal, como se vê de Cándido de Figueiredo, até agora a nossa maior autoridade em lexicografia portuguesa, ou não se deu no Brasil ou não se generalizou. No Ceará, o próprio matuto diz que é *agé* (corrução de *argel*) o cavalo que *tem o pé' direito branco ou um sinal atravessado*. E explica o que é *sinal atravessado*: pé direito e mão esquerda brancos, ou pé esquerdo e mão direita brancos. Vemos que o nosso argel é mais ou menos o argel de Morais. Apenas, assim como se aplicava o qualificativo ao animal que tinha o sinal atravessado do pé direito para a mão esquerda, aplicou-se também ao que o tinha do pé esquerdo para a mão direita.

O sr. Leonardo, porém, não concorda comigo, nem com o sr. Gustavo Barroso, que apelida de argel o cavalo que tem mão branca; e confessa «supor que argel é o cavalo cujo pé esquerdo é branco». Salta à vista a sem-razão do sr. Leonardo, pois, em matéria de significação de palavras, a pura suposição é uma grande tolice.

Para terminar esta nota, quero falar acêrca de *trevalvo*, palavra que, na definição de *argel*, se encontra no «Diccionario Contemporaneo» e em Roquete, Oiticica e Firmino Costa. E' um edificante exemplo da perpetuação de um êrro. Um autor qualquer escreveu *tresalvo*, o tipógrafo mudou em *trevalvo*, e *trevalvo* ganhou terreno! Não há, entretanto, meio de explicar, dentro dos processos formativos da lingua, essa palavra. De onde viria êsse elemento *trev*? E' positivamente *tresalvo*, como *manalvo* e *quadralvo*, isto é: indica o cavalo que tem *três* pés *alvos*.

—Para o sr. Leonardo Mota, *desasnar*, e *argel*, com a significação que lhe dá de «ruim e desafortunado», são dialetismos. Vá aos dicionaristas e verá que ainda aquí lhe falta razão.

Desasnar: «Tirar a primeira ignorancia e rudeza. Abrir os olhos a quem faz desacertos grosseiros, a quem está em crassa ignorancia.» (Morais) «Dar tino a. Dissipar a ignorancia de. Desilludir.» (Cándido de Figueiredo)

Argel: «Trabalhoso, inerte, infeliz.» (Morais) «Homme inerte, indolent, inactif, paresseux.» (Roquete)

—Era tempo de chegar ao termo desta fastidiosa jornada.

Em Maria-Pereira há uma família *Lapexil*, que hoje assina *Galvão*. Pensei a princípio que *Lapexil* fôsse uma alcunha, por que assim também se chama ao *tamanduá* ou *mambira*, conquanto achasse dificuldade de justificá-la, pois que o *tamanduá* é preguiçoso e o velho *Lapexil*, de quem procede a mudança de cognome para a família, era um experimentado andarilho. Cheguei, porém, à conclusão de que *Galvão* é que foi primitivamente alcunha. Então, mostrei que tinha havido lembrança do cavaleiro cego da lenda mombaçana, que, com os seus bons e escolhidos cavalos. encurtava as distáncias, assim como a pé o fazia o velho Lapexil.

O sr. Leonardo Mota, que, com o intuito deliberado de me contestar, não leu com atenção o meu estudo, pergunta :

«Que semelhança pode haver entre o bisonho peão da Mombaça—um reles come-estradas—e o fogoso mata-mouros que tão mal se deu no encontro com Lançarote ?»

Ora, eu não comparei o velho Manuel Lapexil com o Galvão da Mesa Redonda; aproximei-o do cego mombaçano, pela qualidade *ligeireza* : um tinha a ligeireza dos pés, o outro a dos bons e escolhidos cavalos. Entendeu bem o sr. Leonardo ?

Vale.